

A importância da atividade lúdica para integração de crianças com Síndrome de Down na pré-escola municipal

Sônia Toledo Modafaris de Lacerda
Paulo Roberto Brancatti

Como citar: LACERDA, S. T. M.; BRANCATTI, P. R. A importância da atividade lúdica para integração de crianças com Síndrome de Down na pré-escola municipal. *In:* MANZINI, E. J.; BRANCATTI, P. R. (org.). **Educação Especial e Estigma:** corporeidade, sexualidade e expressão artística. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p. 65-76. DOI:
<https://10.36311/1999.978-85-86738-07-7.p65-76>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE LÚDICA PARA INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWM NA PRÉ-ESCOLA MUNICIPAL.¹

Sônia Toledo Modafaris de LACERDA²

Paulo Roberto BRANCATTI³

Este trabalho é fruto de observações obtidas com meus próprios alunos que freqüentam uma pré-escola municipal de educação infantil na cidade de Presidente Prudente. Esse trabalho é desenvolvido com duas turmas de vinte e cinco alunos que possuem duas crianças portadoras de Síndrome de Down.

A proposta foi analisar a integração das crianças com Síndrome de Down, em seus vários aspectos, e observar como reagem as demais crianças ao participarem, coletivamente, em aulas de educação física.

Foram ministradas três aulas de quarenta minutos em três dias diferentes, durante um mês, com a participação de mais ou menos vinte alunos. Nesse período foi possível obter informações sobre a integração do grupo.

Integração significa: tornar inteiro, completar, inteirar, integralizar. Neste sentido, toda instituição que se ocupa do *deficiente*, tanto quanto a educação do *normal* expressa com objetivo de tornar a criança deficiente integrada, completa, pelo desenvolvimento de toda capacidade física e mental, para que ela possa gozar seus direitos e deveres de cidadão, no seio da sociedade.

¹ Trabalho de pesquisa apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial - Unesp - Campus de Presidente Prudente. Unesp/Capes/Proesp (1997-1998).

² Professora de Educação Física da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente.

³ Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp- Campus de Presidente Prudente e Orientador da Pesquisa.

Conceitos de Educação Física

Antes de falar da educação física em si, é preciso falar do direito à educação que foi aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 21 de dezembro de 1959, que assegura no seu princípio 7º. que deverá ser gratuita e obrigatória, ao menos no nível elementar.

O artigo 205 da nossa Constituição Federal consagra a educação como direito de todos e dever do estado e da família. No seu princípio 5º. garante à criança portadora de necessidades especiais o recebimento da educação, tratamentos e cuidados especiais, compatíveis com suas necessidades pessoais.

Preocupou-se o constituinte brasileiro, ao garantir o direito à educação, aos portadores de necessidades especiais, através do atendimento educacional (...) preferencialmente na rede regular de ensino (artigo 208, III) reiterado do artigo 54, III do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei número 8069, de 13 de julho de 1990). O plano decenal de educação para todos (Mec. 1993/2003) em seu capítulo III, C, ação 7, prevê a integração à escola de crianças e jovens portadores de necessidades educativas especiais.

A educação inicia com o nascimento do indivíduo, prolongando-se durante toda sua existência, estimulando e desenvolvendo suas capacidades físicas, mentais e sociais.

A vida é movimento, o gesto humano é uma das principais manifestações de expressão e comunicação entre o ser e o meio em que vive. A realização de atividades motoras pela criança estimula e desenvolve a função psíquica. Daí a razão de ser a educação do corpo como fator de equilíbrio orgânico.

A educação física corresponde a uma atividade controlada, regida por normas, princípios, métodos e objetivos bem definidos, que vão desde o desenvolvimento morfofuncional do organismo infanto-juvenil até a manutenção do equilíbrio homeostático do indivíduo adulto e a readaptação orgânico-funcional do indivíduo doente ou deficiente físico por seqüelas traumáticas, produzidas por doenças anteriores.

A atividade física para crianças em período de crescimento deve ser ministrada através de programas adequados, é mais uma necessidade de ordem biológica do que de ordem pedagógica, pois a atividade motora iniciada no período fetal, após o nascimento, se manifesta através de movimentos variados, integrando-se às próprias necessidades. Daí a importância da educação física, desde a pré-escola.

A educação física tem como finalidade contribuir para a educação integral da criança, por meio da prática de atividades físicas/esportivas racionais e variadas de acordo com suas necessidades bio-psico-fisiológicas, ou seja, o desenvolvimento das potencialidades da criança nos planos: físico, mental e social.

A educação física não deixa de lado a preocupação com os demais aspectos do processo educativo, apesar de estar objetivamente voltada para o desenvolvimento corporal. As atividades corporais e desportivas contidas nos fins da educação física mobilizam diretamente a motricidade e, indiretamente, a cognição e a afetividade da criança.

Os objetivos da educação física, principalmente no ensino pré-escolar e escolar, devem ser obedecidos e respeitados, pois sua aplicação permite à criança melhorar a adaptação e integração aos estudos nas séries subsequentes do ensino fundamental.

Os objetivos gerais da educação física para pré-escolar e escolar, segundo Kerkmann citado por Hurtado, são:

- Estimular o desenvolvimento das capacidades físicas naturais, através do movimento.
- Desenvolver as aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento psicomotor.
- Propiciar o desenvolvimento das qualidades físicas, objetivando a adaptação orgânica ao esforço físico.
- Melhorar a aptidão física por meio da prática de habilidades de iniciação aos desportos individuais e coletivos.
- Estimular a capacidade de expressão individual, por meio de movimentos criativos.

- Contribuir para aquisição e formação de hábitos higiênicos.
- favorecer a socialização, através de atividades físico-recreativas. (Hurtado, 1987, p. 23)

A lei de Diretrizes e Bases, promulgada em 20 de dezembro de 1996, busca transformar o caráter que a educação física assumiu nos últimos anos ao explicar no artigo 26, parágrafo 3º., que "... a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar sendo facultativa nos cursos noturnos" (Brasil, 1997, p. 23-5). Dessa forma, a educação física deve ser exercida em toda a escolaridade de primeira a oitava séries, e não somente de quinta a oitava série, como estava prevista anteriormente.

Segundo o mesmo parâmetro citado, muitos professores de educação física, por desconhecimento, receio ou preconceito, excluem os alunos deficientes das aulas de educação física.

Para as crianças, a participação nessa aula pode trazer muitos benefícios, ajudando no desenvolvimento afetivo, na integração e inserção social, que possibilita este aluno a uma maior condição de consciência, em busca da sua futura independência.

Trabalhei por dois anos com classes comuns de pré-escola, onde em uma delas havia duas crianças com Síndrome de Down e as outras normais. Pude observar a funcionalidade dessas crianças, apesar de sua deficiência elas são requisitadas a contribuir, recebem o apoio e ajuda necessárias à sua participação e são mais valorizadas.

Devemos tomar alguns cuidados, analisar o tipo de necessidade especial de cada aluno e respeitar seus graus de limitações. É necessário que haja orientação médica para não implicar riscos graves, e em alguns casos, a supervisão de um especialista em fisioterapia, em neurologia, ou psicólogo, para avaliar os casos específicos de cada aluno.

O professor deve ser criativo, fazer adaptações, criar situações favoráveis de modo a possibilitar a participação dos alunos especiais.

A atitude das demais crianças diante dessas diferenças dependerá muito da atitude que o professor adotar. É possível integrar esta criança ao grupo, respeitando suas limitações e dando oportunidade para a criança portadora de necessidades especiais, desenvolver suas potencialidades. A aula de educação física favorece a construção de respeito por parte da criança especial e a convivência com ela possibilita a construção de atitudes de solidariedade, de respeito, de aceitação, sem preconceitos.

A educação da criança portadora de necessidades especiais deverá ser: durante e antes de tudo, uma educação motriz e psicomotriz.

A educação física especial tem como objetivo melhorar progressivamente o comportamento da criança, fazendo com que ela consiga: ter consciência do próprio corpo; dominar o seu equilíbrio; controlar as coordenações globais e segmentares; organizar-se no espaço.

Se a criança consegue uma organização espaço-corporal correta, atingirá melhoras de adaptação ao mundo exterior.

A educação física especial tem como metas: facilitar a ação das diversas técnicas educativas, permitindo uma melhor integração escolar e social da educação sistemática das condutas motriz e psicomotriz; a aplicação dos fins da reabilitação dos meios trazido para o que deverá ser a educação física normal da criança; respeitar o ponto de partida do desenvolvimento psicológico da criança; e recuperar as etapas que faltam ao desenvolvimento psicológico da criança.

Nós, professores de educação física, não podemos esquecer que o trabalho com criança portadora de necessidades especiais tem que partir do limite de cada um e não só da nossa vontade. Devemos descobrir onde a criança se encontra no seu desenvolvimento psicomotor e começar a trabalhar a partir desse referencial.

Desenvolvimento do Estudo.

A seguir descreveremos o desenvolvimento das três aulas que foi objeto de análise neste estudo.

Primeira aula.

Atividades:

1) Pato, pato, ganso.

Em roda, crianças sentadas, uma delas fica de fora da roda, tocando na cabeça das outras falando: pato, pato, pato... quando disser: “ganso”, a criança que foi escolhida como ganso deverá correr atrás da que lhe escolheu. Esta por sua vez, deverá correr e sentar no lugar da outra, se for pega antes de sentar deverá ficar no centro da roda, “chocando”, até que outra criança “choque” em seu lugar.

Analisando essa atividade, percebi que algumas crianças querem só elas brincarem, enquanto que as crianças com síndrome de down não respeitam a ordem da brincadeira, saindo do lugar antes da hora. As demais crianças cobram que esperem sua vez. Algumas crianças querem fazer por elas as atividades, outras chamam a atenção para que deixem fazer sozinhas.

2) Carneirinhos e Lobos.

No início dessa atividade todas as crianças queriam ser o lobo, conversando com elas acertamos que uma seria o lobo e as demais os carneirinhos.

As crianças com Síndrome de Down recebem a colaboração das demais, pegam nas mãos e tentam encaminhá-las juntas à brincadeira. Mas na hora de fugir do lobo largam das mãos e correm deixando-as para trás. A criança que faz o papel do lobo evita pegá-las. Algumas crianças deixam ser pegas, pois querem fazer o papel do lobo.

3) Bambolês.

Nessa atividade as crianças tiveram dificuldades para permanecerem em fila e esperarem a sua vez. Algumas crianças, inclusive as com síndrome de

down, furavam a fila a todo instante, querendo só elas brincarem, fizeram as atividades de maneira correta, mas não tinham noção de que deveriam esperar os demais para chegar sua vez. Algumas crianças empurravam, ficavam bravas, se irritavam, outras ficavam com pena, agradavam, beijavam e deixavam as crianças com deficiência passarem a frente.

Percebi que com as crianças dessa idade deve ser trabalhada a questão da motricidade, pois não tem noções de espaço. Para passar por dentro dos bambolês, esbarravam e derrubavam.

1) Boneco Duro/Mole.

Nessa atividade as crianças se dispersaram um pouco, uma das crianças com síndrome de down pisou em alguma coisa que machucou seu pé, reclamou, sentou-se no chão, enquanto as demais foram ver o que havia acontecido. Tentei mudar a atividade, mas a criança que se machucou não quis mais brincar. Levei-a pare ser medicada e todas as crianças foram juntas.

Segunda Aula.

Iniciei as atividades com uma roda, cantando algumas músicas. Sugeriram a música do circo. Músicas na roda sempre foram bem aceitas pelas crianças, todas cantam e fazem os gestos acompanhando a melodia.

Uma das crianças com síndrome de down mostra-se muito dependente e solicita-me auxílio a todo o momento.

Na atividade com pneus (passar por dentro deles), ficaram bem claras as dificuldades que as crianças com síndrome de down tiveram: coordenação, noção de espaço e equilíbrio. Dificuldades mais pronunciadas do que as demais crianças do grupo.

As outras crianças colaboraram bastante com as duas crianças com Síndrome de Down, esperando e, na maioria das vezes, segurando os pneus para que elas pudessem realizar a atividade.

Passar por cima dos pneus requer bastante equilíbrio, agilidade e atenção, o que acarreta dificuldades para as crianças com síndrome de down. Mesmo observando os colegas, não fizeram as atividades corretamente. Com insistência e ajudas conseguiram passar por cima dos pneus. Ficou bem evidente a satisfação das mesmas e da torcida e aplauso das demais crianças quando elas conseguiram concluir a atividade.

Ao formar a roda final uma das crianças com síndrome de down ficou passando pelos pneus e de longe fiquei observando que batia palmas quando terminava de passar. As demais crianças a chamaram para que viesse na roda com a gente, ela veio correndo, mas sentou-se no centro da roda. Percebi neste momento mais uma vez a colaboração das crianças, indicando para ela o lugar certo para sentar.

Na atividade de volta à calma -bruxa e fada- todas as crianças deitam, fingindo dormir. As crianças com síndrome de down têm dificuldades de concentração, de permanecerem deitadas e com os olhos fechados. As demais sempre tentam ajudá-las, algumas cobram pelo seu comportamento.

Ao formar a fila todas querem ajudá-las a subir as escadas e encaminhá-las até a outra professora que os esperam. Notei que as crianças são bastante solidárias.

Terceira aula.

Neste dia senti muita dificuldade em trabalhar com as crianças, pois a marcenaria da escola estava funcionando e fazia muito barulho, dificultando a concentração e nossa comunicação.

As crianças ao chegarem na quadra mostraram-se com muita vontade de brincar, foram correndo formar a roda. Uma das crianças com síndrome de down sentou-se no centro da roda e as outras a chamaram para sentar no lugar certo, e ela foi.

Perguntei quem queria brincar, todas responderam: “eu”, com exceção de uma criança com síndrome de down, que disse “não”, fazendo

movimento negativo com a cabeça. Mas mudou de idéia bem rápida e participou de todas as atividades.

Na roda e em pé, ensinei a letra e os gestos da musiquinha do *cão e o cozinheiro*, as crianças acompanharam. Só uma das crianças com síndrome de down ficou sentada, olhando, só acompanhou quando cheguei perto dela e fiz os movimentos junto com ela.

As crianças solicitaram outras músicas e cantaram com muita energia. A mesma criança que ficou sentada, parada, solicitava-me muito a todo o momento. Senti que é muito dependente.

Quando enjoaram de cantar, pediram que eu ensinasse outras brincadeiras.

Fomos brincar de *Dona onça*, uma das crianças com síndrome de down deita perto da *dona onça*, querendo ser também. Enquanto isso as outras aguardavam na outra extremidade da quadra. A criança com síndrome de down que quis ser *onça* mudou de idéia e se juntou as demais crianças no grupo.

Ao acordar a *Dona Onça* todos fogem. Uma criança com síndrome de down correu bastante, a outra não correu, e não demonstrou medo de ser pega.

Essa que não demonstrou medo (a mesma que queria ser a onça no começo da atividade), juntou-se as *Onças* novamente. Quando chegou a hora de se levantar para correr atrás das crianças, demorou muito, não foi e, por não ser ágil, ficava sempre para trás.

A outra criança com síndrome de down foi pega e virou onça também, pois consegue correr bem. Porém, não se esforçou para pegar as outras, só queria se divertir.

Chamei as crianças na roda e expliquei como deveriam passar pelo "circuito de pneus". Os pneus foram distribuídos ao chão de forma que pudessem passar por dentro, por fora, pular três pneus, passar por cima, por baixo e assim por diante.

As crianças com síndrome de down fizeram o percurso certinho, quando se enroscavam ou derrubavam algum pneu, recebiam o auxílio dos demais rapidamente.

A próxima atividade foi com corda. Trabalhei nessa atividade a noção de tempo-espaco, baixo-alto. As crianças acompanharam com facilidade e algumas demonstraram lentidão na realização das atividades.

Depois dessa atividade percebi que as crianças estavam cansadas. Retornamos a roda, cantamos a musiquinha do *avião*, com gestos e movimentos e encerramos as atividades do dia.

Conclusões

Aplicando as atividades propostas neste trabalho senti algumas dificuldades decorrentes de características que são próprias de crianças dessa faixa etária (quatro a cinco anos): demonstram ser extremamente expansiva, ativa, cheia de vida, ágil; utilizam do seu tempo a descontração, as brincadeiras e fazem muitas *travessuras*. A criança nessa idade, não tem paciência, não consegue se concentrar e não sabem esperar a vez nas brincadeiras realizadas.

Nas atividades elas não enfatizam o produto final e sim o processo. A criança quer brincar, independentemente de ganhar ou perder. Possui um sentimento relativamente forte de posse em relação aos objetos que gosta e busca apoio e auxílio dos mais velhos.

Por outro lado, houve uma grande participação do grupo, as crianças interagiram entre si, houve cooperação por parte dos alunos que estavam bem descontraídos e tivemos um bom relacionamento.

A criança nesta idade gosta muito de repetir as brincadeiras. Pediam sempre para fazer as atividades que já haviam sido feitas outras vezes. Mas foram aplicadas as atividades programadas e percebi que gostaram de enfrentar novos desafios.

Essas atividades foram propostas por estarem relacionadas com as necessidades das crianças, na certeza de estar contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

Nessa idade, as crianças necessitam de atividades que desenvolvam basicamente: controle postural (tônus); esquema corporal; orientação espacial; orientação temporal; equilíbrio; lateralidade e coordenação geral.

A função motora, o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento afetivo estão intimamente relacionados. Sugeri estas atividades para colaborar no processo de crescimento das crianças, pois elas têm um conjunto de habilidades a serem trabalhadas.

O relacionamento das crianças nas aulas de educação física é bom. Além das crianças desenvolverem suas potencialidades nos planos físicos e mentais, ficou claro o desenvolvimento afetivo-social.

Nas atividades sempre havia uma criança ou outra, corrigindo, explicando, ajudando as duas crianças down, apesar de existir diferenças entre ambas. Uma é dócil, afetiva, calma e dependente, enquanto que a outra se mostra agitada, hiperativa e, às vezes, até agressiva.

Em algumas atividades percebia-se o quanto as demais crianças torciam quando as downs conseguiam executar as tarefas, aplaudiam e dava para notar a satisfação estampadas em seus rostos.

Em alguns momentos, algumas crianças queriam ajudar as downs. Enquanto outras chamavam a atenção das crianças para que as deixem fazer sozinhas.

Percebemos assim que, a integração das crianças é muito importante em todas as atividades da escola, mas em especial nas aulas de educação física, onde nos momentos de descontração, elas brincam sem preconceitos e com muita intensidade.

Através desta análise fica comprovado que há integração das crianças com síndrome de down junto as demais, e que a educação física pode ter um papel significativo na relação entre as mesmas.

Bibliografia

- BAGATINI, V. C. *Educação física para o excepcional*. 5. ed. São Paulo: Sagra, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Atividade física para deficientes*. Brasília: SEED/MEC, 1981.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARMO, A. A. *A sociedade cria, "recupera" e discrimina*. Brasília: MEC/Secretaria de Desportos, 1994.
- Esporte numa jogada de integração. Brasília: *Integração*. v. 2. n. 6, 1989.
- MACHADO, N. V. *Educação física e recreação para o pré-escolar*. 3. ed. Porto Alegre: PRODIL, 1986.
- ROSADAS, S. C. *Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: Eu posso, vocês duvidam?* Rio de Janeiro: Atheneu, 1989.
- SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Subsídios para implementação da proposta curricular de educação física para deficientes mentais educáveis*. São Paulo: SE/CENP, 1988.